

RICŒUR EM COIMBRA

RECEÇÃO FILOSÓFICA
DA SUA OBRA

MARIA LUÍSA PORTOCARRERO
JOSÉ BEATO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

O CONFLITO DAS FILOSOFIAS DO SUJEITO E A DIMENSÃO NARRATIVA DA AUTOCOMPREENSÃO

THE CONFLICT BETWEEN THE PHILOSOPHIES OF THE SUBJECT AND THE NARRATIVE DIMENSION OF SELF- UNDERSTANDING

Manuel Luís Judas¹

Resumo

Perante o conflito das filosofias do sujeito, exaltado por Descartes e humilhado por Hume e Nietzsche, Paul Ricœur propõe-nos o conceito de «atestação», entendido fundamentalmente como atestação de si-mesmo, ou seja, confiança nas suas capacidades de dizer, de agir, de narrar a história da sua vida e de assumir a responsabilidade dos seus atos. São estas e outras capacidades, como as da memória e da promessa, que nos permitem conhecer a sua verdadeira identidade. Esta não é, como a das coisas ou dos animais, uma identidade substancial, mas antes, uma identidade dinâmica. Porque não deixa de fazer-se e refazer-se ao longo do tempo, responder à questão «Quem?», exige, antes de tudo, contar a história de uma vida. O tempo e a narrativa são, por isso, essenciais

¹ mjudas12@gmail.com

Manuel Judas nasceu em Elvas, a 1 de Dezembro de 1955. Doutorado em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade de Coimbra (2012), é membro da equipa do projeto de investigação LIF. Exerceu as funções de Coordenador de Departamento das Ciências Sociais e Humanas e de Representante de Grupo de Filosofia em vários Conselhos Pedagógicos do ensino secundário.

ao trabalho de reflexão sobre o sujeito, agente e sofredor, o que implica recorrer à experiência agostiniana de tempo e à teoria aristotélica da intriga.

Como representação temporal das peripécias da ação do sujeito concreto, a narrativa é a forma de racionalidade capaz de acolher a diversidade das suas experiências e avaliações, a complexidade dos seus sonhos, motivos e projetos. A identidade narrativa situa-se entre duas figuras de permanência no tempo – a mesmidade e a ipseidade – reunindo, simultaneamente, a permanência do caráter e a forma da manutenção de si próprio ao longo da vida.

Palavras-chaves: atestação; identidade narrativa; mesmidade e ipseidade.

Abstract

Standing before the conflict between the philosophies of the subject, a subject exalted by Descartes and humiliated by Hume and Nietzsche, Paul Ricœur proposes the concept of 'attestation', primarily understood as attestation of oneself, that is, trust in the capacities to speak, to act, to tell the story of one's life and to take responsibility for one's actions. These and other capacities, such as memory and promise, are the ones that allow us to know our real identity. Unlike the substantial identity of things or animals, this is a dynamic identity. Because it never stops to build and rebuild itself throughout time, answering the question "Who?" requires, first of all, telling the story of a life. Time and narrative are, therefore, essential to the work of reflection on the subject, acting and suffering, which implies mentioning the Augustinian experience of time and the Aristotelian theory of intrigue.

As a temporal representation of the vicissitudes of the concrete subject's actions, narrative is the ablest form of rationality to accommodate the diversity of his experiences and evaluations, the

complexity of his dreams, motives and projects. Narrative identity is between two figures of permanence in time – sameness and selfhood – gathering, simultaneously, both the permanence of character and self-maintenance throughout life.

Keywords: Attestation; narrative identity; sameness and selfhood

Perante o conflito das filosofias do sujeito, exaltado por Descartes e humilhado por Hume e Nietzsche, Paul Ricœur defende a necessidade de outra concepção de sujeito: nem o eu como primeira verdade, nem o eu como a maior das ilusões. Como refere, do «'eu' dessas filosofias, dever-se-ia dizer, como há quem diga do pai, ou há de menos, ou há de mais»². Esta a razão por que é preciso manter a hermenêutica do si a igual distância da certeza cartesiana e do espírito da suspeita nietzschiana, o que só é possível mediante o conceito de «atestação».

A atestação é o ato pelo qual o sujeito dá testemunho de si, seja de forma direta, por meio de atos, como falar e fazer, ou indireta através das marcas, símbolos e obras transmitidas pela grandes culturas. Ao incidir mais na questão do agir e não tanto na questão do conhecer, a atestação é fundamentalmente atestação do sujeito, ou seja, confiança nas suas capacidades de falar, fazer, narrar a sua história de vida e assumir a responsabilidade dos seus atos. Graças a estas e a outras capacidades, como as da memória e da promessa, é possível compreendê-lo lenta e gradualmente e não, como em Descartes, de uma só vez.

Pela atestação, entendida como «a certeza do si de ser um ser ativo e sofredor»³, o sujeito assume-se na dupla dimensão que o constitui, já que ele tanto se atesta nas experiências de passividade que o revelam

² RICŒUR, P. - *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 15.

³ IDEM - *ibidem*, p. 35.

na sua condição de ser finito, frágil e receptivo, como naquelas outras em que se revela ativo e capaz.

Responder à questão «Quem é o sujeito?» implica, pois, substituir o «eu» das filosofias anteriores, ora poderoso, ora humilhado, por outras figuras, essas sim, próprias de cada ser humano, como as de locutor, agente, narrador e responsável pelas suas ações. São figuras que só podem ser compreendidas mediante o contributo de diversas perspetivas, como as da filosofia da linguagem, da filosofia da ação, da teoria narrativa e da ética.

Todavia para a nossa reflexão sobre a dimensão narrativa da auto-compreensão, é preciso apenas ter em conta uma das figuras: a do homem que narra a história da sua própria vida.

Como *representação temporal da ação humana*, a narrativa é, antes de mais, a via que permite compreender a identidade de cada homem. Sem ela, não teríamos acesso à diversidade das suas experiências e vivências, à complexidade das suas paixões, sonhos e projetos. Importa, por isso, como escreve Paul Ricœur, «questionar esta falsa evidência segundo a qual a vida é apenas para ser vivida e não para ser narrada»⁴. Mais: «contamos histórias porque finalmente as vidas humanas têm necessidade e merecem ser contadas»⁵. De fato, o homem é um ser que narra. E se conta a sua história de vida, começando pelas experiências da sua infância e adolescência, e se recorre à história da sua família ou comunidade, remontando às suas raízes mais remotas e profundas, é porque além de outras, sente também a necessidade de saber quem é.

Como a de uma comunidade histórica, a identidade de cada ser humano não é uma identidade substancial, mas antes viva e dinâmica. «Somos mas ainda não somos e, por isso, estamos sempre,

⁴ RICŒUR, P. - *Écrits et conférences I: Autour de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 2008, p. 268.

⁵ RICŒUR, P. - *Temps et récit I: L'intrigue et le récit historique*. Paris: Seuil, 1983, p. 143.

dolorosamente e ao mesmo tempo esperançosamente, a caminho de ser»⁶, diz João Maria André. Eis a razão por que a palavra tempo é, para nós, uma das mais importantes em Ricœur. Como compreender os motivos, as expectativas e incertezas do sujeito sem as estruturas temporais do passado, do presente e do futuro? Se, por um lado, é o movimento regressivo freudiano que o faz regressar ao passado, em busca das suas raízes e figuras anteriores, por outro, é o movimento progressivo hegeliano que o impele para frente, em direção a outras figuras e modos de ser-no-mundo.

Dado que não pode ser compreendido fora do tempo e, portanto, fora da narração, uma reflexão sobre o sujeito pressupõe o cruzamento da *Poética* de Aristóteles, que apresenta apenas uma teoria da intriga, com as *Confissões* de Santo Agostinho, que analisa apenas a natureza do tempo. Mas a verdade é que só cruzando o tempo com a sua história de vida, é que é possível compreender o sujeito agente e sofredor.

Ora, é a noção de «tempo narrativo» que permite a Ricœur estabelecer a relação dialética entre a experiência agostiniana de tempo e a teoria aristotélica da intriga. Assim, o tempo narrativo é o tempo vivido, aqui ou mais além, por cada ser humano ou comunidade histórica, sendo, por isso, expressão de um percurso individual ou coletivo. O nosso autor diz-nos que «o tempo só se torna tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e a narrativa atinge a sua significação plena quando se torna uma condição da existência temporal»⁷.

Mas a identidade de cada homem, que não deixa nunca de fazer-se e refazer-se ao longo do tempo, só pode ser compreendida mediante as suas figuras: a mesmidade e a ipseidade. A mesmidade representa, para Paul Ricœur, o conjunto de disposições distintas e rígidas, que não sendo afetado pelo tempo, permite-nos, tal como as impressões

⁶ ANDRÉ, João - *Multiculturalidade, identidades e mestiçagem*. Coimbra: Palimage, 2012, p. 280.

⁷ RICCEUR, P. - *Temps et récit I*, p. 105.

digitais, identificar o sujeito como sendo o mesmo. Uma vez que é irreduzível à mudança, compreende-se que esta figura tenha como paradigma o caráter.

Todavia, o sujeito, ao contrário das coisas e dos animais, não é uma simples identidade imutável, mas antes uma identidade marcada pelo movimento e pela mudança. A esta forma dinâmica de manutenção de si-mesmo ao longo do tempo dá-se o nome de ipseidade. Ainda que mude, o sujeito não deixa de ser o mesmo. Daí a primazia da promessa, ou melhor, da palavra dada. Sobre a sua importância, diz o antigo presidente do Federal Reserve System, Alain Greenspan:

«É extraordinário que (...) um grande número de contratos, em especial nos mercados financeiros, seja inicialmente verbal, e só mais tarde confirmado por um documento escrito, por vezes depois de uma grande oscilação de preços»⁸.

Ainda que distintas, o certo é que, à luz da vida quotidiana, estas duas dimensões da identidade pessoal tendem a coincidir, uma vez que contar com alguém é simultaneamente ter a garantia da permanência do seu caráter e do cumprimento da sua promessa.

No sentido de relacionar a mesmidade com a ipseidade, Paul Ricœur recorre ao conceito de «identidade narrativa», seja de um personagem de romance, de uma personalidade histórica, ou simplesmente de cada um de nós na nossa relação com o tempo. Traduz não só as mudanças e acontecimentos de uma vida, mas também a sua unidade e coesão. A identidade de personagem é-nos dada mediante a invenção da intriga. Significa isto que é preciso reunir finalidades, causas, acasos sob a unidade temporal da ação dos personagens. Ou seja, o escritor, ao compor uma intriga narrativa, tem pela frente, digamos assim, um exercício muito

⁸ GREENSPAN, Alan - *A era da turbulência: Contribuições para um mundo em mudança*. Trad. Saul Barata e Maria Segurado. Lisboa: Presença, 2007, p. 280.

semelhante ao de uma criança face às suas peças de *Lego*: faz, desfaz e volta a fazer na tentativa de construir uma história com sentido. No contexto da configuração da identidade do personagem, ele pode, assim, explorar diferentes hipóteses, «desde o caso extremo» diz o nosso autor «de um ocultamento quase total entre o caráter e a ipseidade, como nos contos e lendas, até ao outro caso extremo, o da dissociação quase total entre o *idem* e o *ipse*, como em certos romances (...)»⁹.

No que respeita à perda de identidade, pense-se, por exemplo, na obra o *Homem sem qualidades* de Robert Musil. Trata-se, como é óbvio, de um homem «sem propriedades», isto é, sem mesmidade – que numa situação extrema, acaba por se tornar não identificável. Já o mesmo não sucede com a obra *Dom Quixote de La Mancha* de Miguel Cervantes, em que a identidade do personagem principal, Dom Quixote, é a de um homem único e inconfundível.

O escritor pode, assim, experimentar muitas formas de ser, pensar e agir. É importante notar que essas múltiplas experiências de pensamento feitas «no grande laboratório do imaginário são também», segundo o nosso autor, «explorações realizadas no reino do bem e do mal»¹⁰. Podem, por isso, servir de guia ao sujeito leitor. E é bom saber que se pode contar com ele, como confessa uma leitora a Simone de Beauvoir, a propósito de uma notícia sobre a publicação das suas *Memórias*:

«Nós gostaríamos de saber como agir na vida com os nossos maridos, as nossas profissões, os nossos filhos, os nossos desejos de realização pessoal, e você vem contar-nos as suas recordações que só a si interessam (...)»¹¹.

⁹ RICCEUR, P. - *Réflexion faite: autobiographie intellectuelle*. Paris: Esprit, 1995, p. 177.

¹⁰ RICCEUR, P. - *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 194.

¹¹ CHAPSAL, Madeleine - *Os escritores e a literatura*. Trad. Regina Louro. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1986, p. 61.

Veja-se, no entanto, a resposta da autora de *O segundo sexo*:

«Penso, contudo, (...) que dizendo com cuidado a verdade sobre nós próprios ajudamos outrem a compreender a sua. Escrever sobre mim é, neste momento, a maneira que mais me convém para falar aos outros sobre eles próprios»¹².

Mas não são apenas as propostas das filósofas, dos escritores e poetas as únicas que podem ajudar o sujeito a transformar o seu modo de habitar o mundo. Há também outras histórias de vida que são essenciais à formação e transformação da sua identidade, como a história dos seus pais e avós, dos seus irmãos e amigos, dos seus companheiros de trabalho e lazer. A relação da sua história de vida com algumas destas histórias é, como sabemos, muito forte. Pode até dizer-se, citando mais uma vez Paul Ricœur, que

«as histórias de vida estão de tal maneira enredadas umas nas outras que a narração que cada qual faça ou receba da sua própria vida torna-se um segmento dessas outras narrações que são as narrações dos outros»¹³.

Por outro lado, existe também uma forte relação entre a narrativa e a identidade de uma comunidade histórica. Como fonte inspiradora e transformadora, a narrativa desempenha um papel crucial na transmissão de atitudes, valores e ideais, com os quais os indivíduos se identificam e a comunidade se afirma e se reconhece. Israel é um grande exemplo disso, um povo que formou a sua identidade a partir dos seus escritos bíblicos e das suas narrativas. Se, por um lado, as narrativas nos mostram um percurso muito particular,

¹² IDEM - *ibidem*, p. 61.

¹³ RICŒUR, P. - *Le juste I*. Paris: Esprit, 1995, p. 36.

próprio de um povo, como lembra Hannah Arendt, «sem governo, sem país e sem idioma»¹⁴, por outro, ganham uma força ainda maior «quando evocamos a necessidade de salvar a história dos vencidos e dos perdedores»¹⁵, como a história das perseguições nazis, dos sobreviventes sem lar e sem raízes e dos que morreram nos campos de concentração.

São, pois, esses os motivos que nos levam a dizer que a narrativa é essencial à reflexão sobre a identidade de cada ser humano, de cada comunidade histórica, ou povo. São, como dissemos repetidamente, identidades que se formam e se transformam com o tempo. Essa é a razão por que a narrativa será sempre, tal como hoje, marcada não apenas pelas novas figuras de homem, mas também pelas figuras anteriores, verdadeiros testemunhos do seu desejo de ser e esforço para existir.

¹⁴ ARENDT, H. - *As origens do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. Lisboa: Dom Quixote, 2004, p. 9.

¹⁵ RICŒUR, P. - *Temps et récit I*. Paris: Seuil, 1983, p. 143.